

Anna Kariênina

Material de apoio



Como usar este material?

Este é um PDF interativo, o que significa que você pode preenchê-lo diretamente após o download. O sumário é clicável, permitindo que você navegue facilmente para a página desejada com um clique. Além disso, é possível responder aos checklists e escrever anotações diretamente no documento.

Atenção: sempre salve o PDF antes de fechá-lo. Se você fechar o arquivo sem salvar, suas respostas nas atividades e checklists serão perdidas. Para manter seu progresso, basta fazer o download do material, selecionar a opção de salvar com as alterações, e pronto – seu PDF estará salvo.

Como diferentes programas de leitura de PDF podem variar, verifique se precisa apenas salvar (como no Microsoft Edge) ou fazer o download novamente (como no Chrome).



Sumário

Clique para ser redirecionado(a)

Resumo	04
Checklist	10
Exercícios	12
Programas	19



A ESTRUTURA DA OBRA E A DANÇA DOS DUPLOS

No prefácio, Rubens Figueiredo conta que a intenção original de Tolstói era chamar o livro de "Duas Famílias" ou "Dois Casais". O título Anna Karenina foi meio que uma decisão editorial baseada no modismo da época. Mas, ao ler, percebemos que a Anna é apenas uma das protagonistas. A narrativa é construída sob o contraste entre a família dela e a de Lievin.

O livro inteiro é construído em cima de dualidades ("duplos"):

- A cidade versus o campo;
- Moscou versus São Petersburgo (ficam bem marcados os costumes diferentes dessas duas sociedades do século XIX);
- A alta sociedade versus a vida dos mujiques (camponeses);
- O intelectual versus o homem prático;
- O grande duplo: o amor carnal versus o amor puro.

Além disso, Tolstói pontua muito bem o tempo e o espaço, inserindo na narrativa discussões históricas reais, como a guerra entre eslavos e turcos e os direitos dos mujiques. Nada disso, porém, torna a leitura difícil. A escrita é muito fluida e concreta.

O INÍCIO DA TRAMA E O ENCONTRO

Tudo começa com uma crise. Oblonsky, o irmão de Anna, é um bon vivant que gasta horrores e é mulherengo. A esposa dele (cunhada de Anna) acha uma carta da babá comprovando a traição e começa a arrumar as malas e as crianças para ir embora.

Anna é chamada para colocar panos quentes e, de fato, consegue convencê-la a ficar. Nesse meio tempo, todos estão se preparando para um grande baile. Kitty, a irmã mais nova da cunhada (toda alegre em seu primeiro grande baile), insiste muito para que Anna vá. Kitty está perdidamente apaixonada por Vronsky, um rapagão que é um ótimo partido.

É aí que a tragédia começa a se desenhar:

A rejeição de Lievin: Lievin também vai ao baile e pede Kitty em casamento, mas é rejeitado. Ele já sabia que daria errado, pois seu amigo Oblonsky já havia avisado sobre o "rival" Vronsky.

A Dança: Anna chega ao baile com uma roupa super simples, mas chama toda a atenção por sua beleza. Vronsky, em vez de olhar para Kitty, fica hipnotizado por Anna. Tolstói cria uma cena de dança sensual entre os dois que constrange a todos na alta sociedade. Kitty fica com ódio mortal de Anna.

O Prenúncio: Um detalhe crucial é que Anna e Vronsky não se conheceram no baile, mas sim na estação de trem, na chegada dela (a mãe de Vronsky viajou no mesmo vagão que Anna). Nessa estação, um trabalhador é atropelado pelo trem, uma tragédia que marca o livro todo, retornando nos sonhos gêmeos de Anna e Vronsky, amarrando brilhantemente o desfecho da história.

MINHAS IMPRESSÕES: ANNA X KARENIN

Anna: Inicialmente, ela se sente lisonjeada com Vronsky, sentindo-se jovem de novo, pois sentia falta do amor romântico no casamento. Mas, ao longo do livro, ela me irritou profundamente. É uma mulher hiper egoísta e mimada, que age apenas por suas vontades. Ela abandona o marido e o filho, viaja para o exterior com o amante e, ao voltar, exige ser recebida na sociedade como se nada tivesse acontecido.

O egoísmo dela é calcado nas aparências: no começo, ela reclama das orelhas grandes do marido; quando está à beira da morte, chama o marido de santo; ao melhorar, volta a tratá-lo como crápula. Ela acha um absurdo a mãe de Vronsky não aceitá-la, ou o marido querer a guarda do filho e não deixar Vronsky entrar na casa dele.

Karenin (o marido): O leitor é induzido a achá-lo um crápula, mas minha percepção foi outra. Para mim, ele é um homem mais velho, experiente, que tenta proteger o filho, evitar escândalos para a família e avisar a mulher sobre o tamanho da burrada que ela estava fazendo.

A HISTÓRIA DE LIEVIN (O MEU FAVORITO)

Lievin é o personagem preferido, disparado. Tolstói colocou muito de si mesmo nele. Ele é um cara tranquilo do campo, muito bem educado, que quer cuidar das propriedades e se casar. Ele solta umas pérolas de humor sem ser forçado.

Após ser rejeitado por Kitty, ele foca no trabalho e em seu livro sobre agricultura. Há uma cena divertidíssima quando Oblonsky vai visitá-lo: eles passam o dia todo caçando, e Lievin passa o dia inteiro criando coragem para perguntar sobre Kitty. Já tarde da noite, de pijama no quarto, ele puxa assunto do nada: "Que maravilha a luz elétrica... e como está a sua cunhada Kitty?"

Os dois acabam se reencontrando em um evento familiar, o que gera uma das cenas mais bonitas do livro: Lievin escreve a giz na mesa de jogos perguntando se, ao dizer "não", ela queria dizer "nunca". Ela escreve embaixo pedindo para "perdoar e esquecer". Eles ficam juntos, sendo o contraponto feliz de Anna e Vronsky.

Cenas inesquecíveis da jornada de Lievin: A impressionante morte do irmão mais velho (Nikolai) e o bizarro nascimento do filho de Lievin (a descrição do parto parece cena de O Exorcista).

TEXTOS DE APOIO E ANÁLISES LITERÁRIAS

Lições de Literatura Russa (Vladimir Nabokov): São cerca de 100 páginas destrinchando o livro. Nabokov diz que Tolstói é aquele autor que a gente "lê simplesmente porque não pode parar", e é verdade! Ele conta que conheceu Tolstói na infância (quando caminhava com o pai) e narra uma anedota fofa de Tolstói velhinho pegando o próprio livro na estante e gostando, sem reconhecer a capa inicialmente.

O Gênio (Harold Bloom): Foca bastante na vida de Tolstói, mas exalta a capacidade do autor de criar imagens poderosas que nos oprimem a memória, como "Anna Karenina na cama, olhando a chama da última vela que oscila e se extingue".

Conversas com Mrs. Dalloway (Celia Blue Johnson): Explica as origens do romance. A personagem nasceu inspirada em duas mulheres: uma vizinha que, deprimida por uma traição, se jogou na linha do trem (Tolstói viu o corpo); e a filha de Pushkin, cuja beleza física impressionou o autor num baile. Além disso, a frase inicial famosíssima ("Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira") serve como uma epígrafe para o livro todo. A segunda frase ("Tudo era confusão na casa dos Oblonsky") mostra a influência direta da objetividade dos contos de Pushkin, jogando o leitor direto na ação.

Posfácio de Janet Malcolm: Concordo muito mais com ela. Ela pontua que Anna não perdeu nada, ela abandonou tudo. A ruína não foi culpa do "ostracismo da sociedade". No momento de beatitude de Karenin, ele ofereceu o divórcio e o filho; porém, com o passar do tempo, Anna e Vronsky agiram como se essa oportunidade nunca tivesse existido, cavando o próprio buraco.

O DESFECHO E O FIM TRÁGICO

Nos momentos finais, Anna entra numa espiral de ciúme e paranoia. Ela tem a ideia fixa de que Vronsky a trairá com uma mulher mais jovem, assim como fez com ela e Kitty.

Vronsky até sai de casa para evitar as brigas doentias, mas ela já assumiu aquilo como verdade absoluta.

Sem ver saída, ela toma atitudes desesperadas. Visita a cunhada Kitty (agora com um bebê), mas isso só a faz se sentir mais culpada por ter roubado Vronsky no passado. Perdida e deslocada, ela embarca num trem sem rumo e, num rompante, decide tirar a própria vida jogando-se entre os vagões.

A descrição é aterrorizante. No último segundo, através do fluxo de consciência genial de Tolstói, vemos o desespero dela: "Onde estou? O que estou fazendo? Para quê?". Ela tenta se levantar e voltar, mas é atingida na cabeça por algo inexorável e arrastada pelas costas. O último pensamento é: "Deus, perdoe-me tudo".

Tolstói encerra o capítulo de forma brilhante com a metáfora que permeou a obra: a luz da vela — sobre a qual ela lera um livro cheio de desgraças — brilha forte iluminando tudo, empalidece e se extingue para sempre.

Como nota final, é impossível não notar que Tolstói costuma usar a literatura para "punir" suas personagens femininas que transgridem as regras da época (basta lembrar de Natasha definhando em Guerra e Paz). Ele faz isso em Anna Karenina tanto na dor grotesca do parto de Kitty (que havia rejeitado o bom Lievin) quanto nesse final trágico e violento de Anna. Mas, independentemente dessa visão moralista do autor, não deixemos que esse detalhe nos impeça de apreciar a imensa e indiscutível excelência dessa obra-prima!

Checklist Prático

Entendi que o plano original de Tolstói era intitular o romance como "Duas Famílias" ou "Dois Casais", refletindo que Anna é apenas uma das protagonistas.

Identifiquei os duplos que permeiam a narrativa, como o campo versus a cidade (Moscou e São Petersburgo) e o amor puro versus o amor carnal.

Compreendi a dinâmica inicial da trama de adultério, motivada pela viagem de Anna para intervir na crise conjugal de seu irmão Oblonsky.

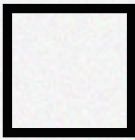
Assimilei o papel de Lievin como o alter ego de Tolstói e entendi como sua trajetória com Kitty funciona como o contraponto ideal à história de Anna.

Percebi a importância da tragédia na estação de trem e dos sonhos gêmeos recorrentes como presságios do desfecho trágico dos amantes.

Analisei a desconstrução de Karenin, notando que ele não é um mero vilão, mas um homem experiente tentando evitar o escândalo público e proteger o filho.



Reconheci os principais momentos marcantes do núcleo de Lievin, como a morte de seu irmão Nikolai e a descrição realista e visceral do parto de Kitty.



Absorvi os detalhes do desfecho de Anna, incluindo a simbologia poética da vela que se apaga e a tendência de Tolstói de punir literariamente suas personagens femininas.



Aprendi que o crítico Nabokov elogia a profundidade moral de Anna, enquanto define Vronsky como um personagem medíocre.



Descobri que Tolstói utilizou o fluxo de consciência antes de James Joyce, recurso evidente nos momentos finais de Anna Karenina.



Assimilei o significado da icônica frase de abertura sobre como as famílias felizes e infelizes se comportam.



Compreendi que o grande dualismo da obra se dá entre o amor carnal (Anna e Vronsky) e o amor puro (Lievin e Kitty).

Atividade

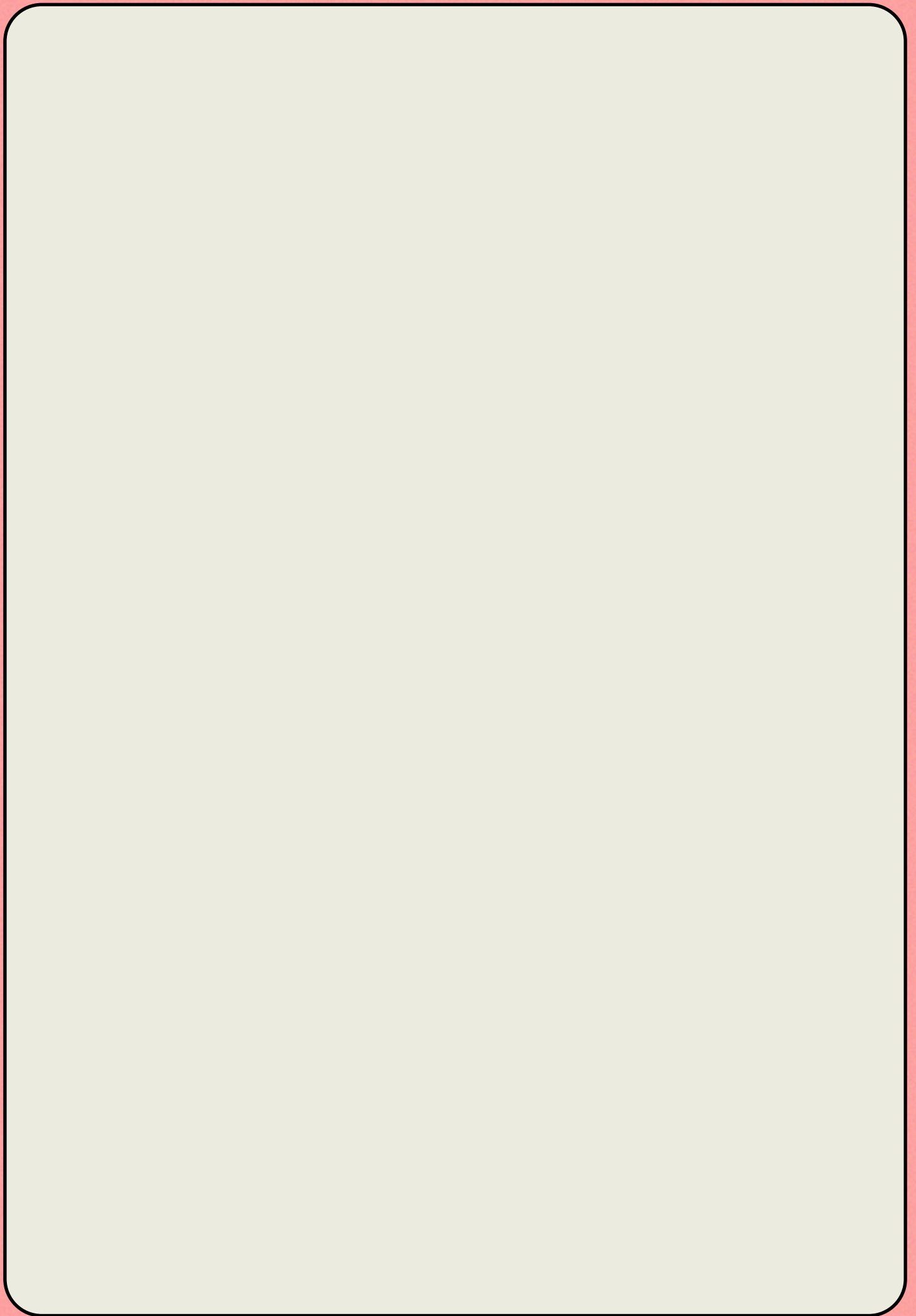
Responda as perguntas abaixo

ATIVIDADE 1:

O desfecho trágico de Anna Karenina não foi causado apenas pela sociedade, mas pela mente dela. Ela colocou uma ideia fixa na cabeça (de que Vronsky a trairia) e passou a agir como se aquilo fosse a mais pura verdade, gerando brigas e afastando quem ela amava. Ela criou a própria ruína através da paranoia.

Ação: Faça um diagnóstico dos seus pensamentos atuais. Você tem cultivado alguma "ideia fixa" negativa sobre seu parceiro, seu trabalho ou suas amizades (ex: "fulano não gosta de mim", "meu chefe vai me demitir", "não vou conseguir")?

Reflexão: Quais provas reais (fatos) você tem de que isso é verdade? Se você descobrir que é apenas o seu medo falando, o que você pode fazer hoje para parar de agir com base nessa paranoia antes que ela sabote sua realidade?

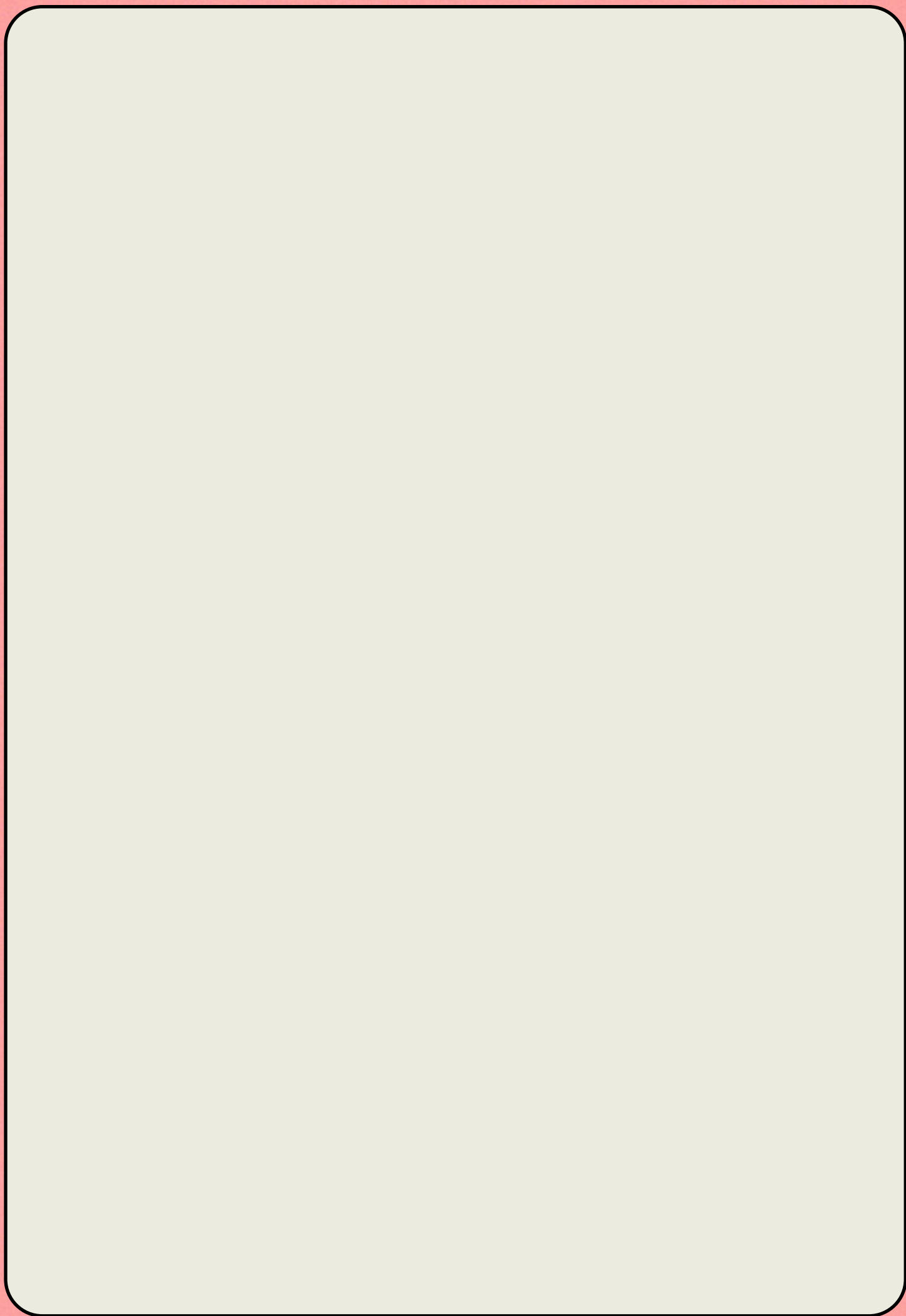


- 1. Onde está o meu "campo" (a minha versão Lievin)? Quais são as atividades práticas e simples do meu dia a dia que me trazem paz, propósito e me conectam com quem eu realmente sou?**
- 2. Como eu posso diminuir a busca por validação externa (a "alta sociedade") e investir mais tempo naquilo que tem fundamento real?**

ATIVIDADE 2:

Uma das cenas mais lindas do livro é quando Lievin e Kitty se reencontram após uma grande decepção no passado. Em vez de deixarem o orgulho ferido vencer, eles usam o giz na mesa de jogos para uma comunicação extremamente sincera: ele pergunta se "não" significava "nunca", e ela pede para "perdoar e esquecer".

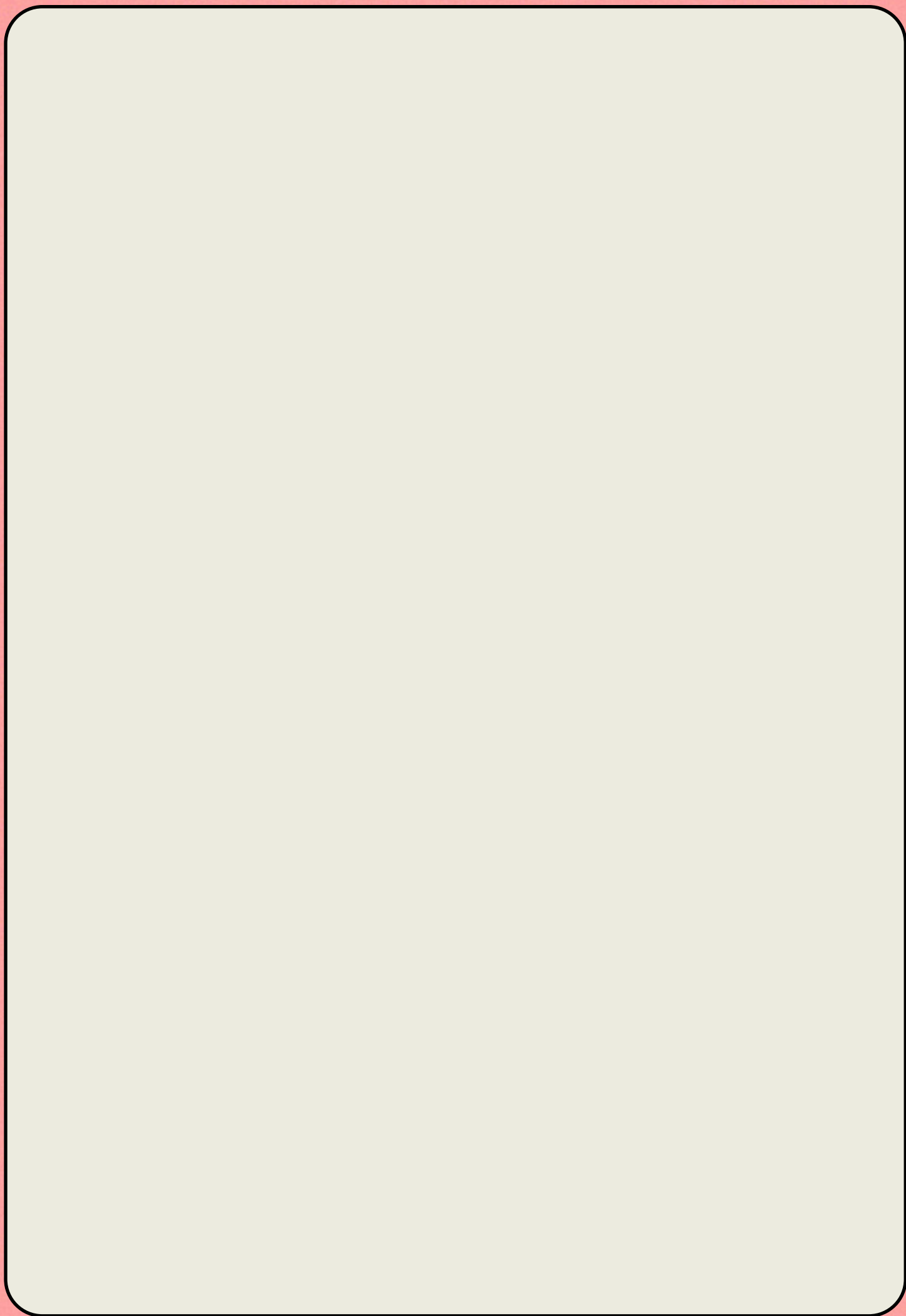
- 1. Pense em uma pessoa com quem a comunicação ficou travada por causa do orgulho, de um mal-entendido ou de um erro do passado (pode ser um amigo, familiar ou parceiro).**
- 2. Se você estivesse diante dessa pessoa hoje, com uma "mesa de jogos e um giz", qual seria a mensagem curta, sincera e sem ego que você escreveria para ela?**
- 3. Desafio prático: Transforme esse "giz" em uma mensagem real. Envie hoje uma mensagem curta de texto para essa pessoa buscando esclarecer algo, pedir perdão ou simplesmente demonstrar que você está disposto(a) a "perdoar e esquecer".**



ATIVIDADE 3:

O texto de apoio de Janet Malcolm nos mostra que, ao contrário do que muitos pensam, Anna não foi apenas uma vítima passiva da sociedade. Ela abandonou o filho (não apenas "perdeu"), e ignorou a mão estendida de Karenin, que chegou a oferecer o divórcio e a abrir mão do menino em um momento de beatitude. Anna e Vronsky agiram como se a oportunidade nunca tivesse existido e criaram a própria ruína.

- 1. Pense em um problema ou conflito difícil que você está enfrentando hoje. Em que momento você está se colocando como "vítima das circunstâncias" (como a Anna querendo ir ao teatro e exigindo ser aceita sem consequências)?**
- 2. Existe alguma "mão estendida" ou solução prática bem na sua frente (como o divórcio que Karenin ofereceu) que você está ignorando por orgulho, teimosia ou conveniência?**
- 3. Escreva uma atitude prática e madura que você pode tomar hoje para assumir a responsabilidade por essa situação, sem colocar a culpa no mundo ou nas outras pessoas.**



Programas

[Clique para ser redirecionado\(a\)](#)

Mitologia Ecos Eternos

Masterclass: Por que ler?

Zafón - Clube TLT (Apoia-se)

Arquivo Reading Club

Clubão | Ano 1

Clubão | Ano 2

